

20. Preocupados com a conversão do coração

Se a conversão do nosso coração tem uma importância tão universal, se dela depende a manifestação ao mundo da santidade de Deus, devemos então nos perguntar se lhe damos de fato tal importância.

Tomamos verdadeiramente a sério o que prometemos solenemente no momento da Profissão? É verdadeiramente importante para nós? É verdadeiramente importante para a comunidade que nos acolhe e ratifica nossos votos? Estamos verdadeiramente preocupados uns com os outros com relação à conversão do coração? Estimulamo-nos mutuamente, de modo fraterno, não tanto ou apenas para levantar pela manhã para rezar, mas igualmente para a obra que Deus quer realizar no coração de cada irmão ou irmã, para a obra profunda que o Espírito quer realizar em cada um de nós?

Perguntemo-nos com sinceridade: estou verdadeiramente preocupado com a conversão de meu irmão, dos meus irmãos ou irmãs de comunidade, e pela conversão de todos?

È uma pergunta que devemos todos fazer a nós mesmos, em todo estado de vida e vocação, por exemplo, com relação à própria mulher ou ao próprio marido, aos próprios filhos, irmãos, amigos, colegas: tomo a peito a conversão de seu coração, tomo a peito a obra do Espírito Santo nele ou nela, aquela de transformar o coração de pedra em um coração de carne, feito por Deus para viver a Sua Imagem e semelhança, para viver de seu amor divino?

Porque esta pergunta coincide com uma outra, ou seja: Tomo a peito a verdadeira felicidade do outro? Amo a meu próximo como a mim mesmo, desejando a felicidade profunda de seu coração, como normalmente desejo a minha? Mas frequentemente, como desejo de modo errado a felicidade de meu coração, assim também desejo uma falsa felicidade igualmente para os outros. E desejo de modo errado minha felicidade e a dos outros quando não desejo que Deus mude meu coração e o coração do outro, quando não estou disposto a que o Espírito Santo transforme nosso coração de pedra em coração de carne, em um coração modelado pelo Senhor, *sensível* – exatamente porque é de carne e não de pedra – até ao ponto de se deixar ferir pela Palavra de Deus, por Deus que transmite seu Verbo, Cristo, nos cria e recria, e que, por isso, nos atrai ao deserto, como bem o exprime Oseias: “Eis que a atrairei a mim, conduzi-la-ei ao deserto e falarei ao seu coração” (Os 2,16).

Porque, como nos sugere Ezequiel, e toda a Bíblia, é disto que depende a manifestação da santidade de Deus no mundo; disto depende que no mundo o nome do Senhor, isto é, sua presença salvífica, não seja profanado mas adorado e, portanto, acolhido e possa agir e salvar a humanidade.

Sejamos sinceros, muitas vezes, em comunidade, há mais preocupação de nos ajudar a trabalhar, de fazer funcionar o mosteiro ou de cantar decentemente o Ofício divino etc., ou então de não nos perturbarmos uns aos outros, do que preocupação de nos ajudarmos reciprocamente a nos converter, preocupação com a conversão do coração, preocupação de que o coração de cada membro da comunidade seja um coração vivo e não um coração de pedra.

O que é um coração vivo? Um coração vivo é um coração livre, um coração capaz de amar, um coração feliz, um coração que se arrepende dos próprios pecados, um coração que é atento, que escuta, um coração sensível às necessidades dos outros, um coração misericordioso, um coração que percebe quanto Cristo é enamorado por nós. Um coração

vivo é um coração doce e humilde, como o de Jesus, isto é, um coração que não procura a afirmação de si, mas a de Deus e dos irmãos. Um coração vivo é um coração indiviso, que ama com fidelidade, sem se deixar abater, mesmo se existem dificuldades. Um coração vivo sobretudo, é um coração que se deixa criar por Deus a cada batida, que se deixa modelar pelo Senhor a Sua Imagem, ou seja, um coração que ama a Deus que o ama. Estamos preocupados com isso, com relação a nós e a nossos irmãos e irmãs?

Notemos que Ezequiel fala deste coração criado pelo Espírito Santo definindo-o como um “coração novo” (Ez 36,26). E a característica principal desta “novidade” do coração está no fato que este coração *é um dom de Deus*, nos é dado por Deus: “Eu vos darei um coração novo, porei em vós um espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei um coração de carne”.

A verdadeira e profunda novidade de que podemos fazer a experiência é a de ser um dom de Deus, de saber que Deus nos dá o que somos em profundidade, o nosso “eu” mais profundo. Nosso coração não é um órgão, um músculo, nem mesmo um feixe de nervos ou de sentimentos psicológicos, mas o lugar da consciência de nós mesmos em que reconhecemos que somos um dom de Deus. Somos um dom de Deus no centro de nós mesmos, na raiz de nós mesmos e, portanto, em tudo o que somos, temos ou vivemos. Por isso o coração é também a sede de nossa alegria, de nossa felicidade, pois o que torna feliz é o saber-se amado, saber-se um dom, e o coração nos é dado para sermos conscientes de tudo isto. A alegria em nós é a gratidão que brota da experiência de ser um dom de Deus, e só esta gratidão, esta consciência, nos torna capazes de amar com gratuidade, transmitindo a superabundância do que enche nosso coração.

Não é necessário que esta consciência seja sentimental, isto é, percebida sensivelmente. Santa Madre Teresa de Calcutá passou a vida a extravasar sobre os outros a consciência de ser um dom de Deus sem experimentar o sentimento de uma tal consciência. Mas, graças a Deus, nossa pouca fé é ajudada pelo sentimento de ser amados que Deus nos faz experimentar, frequentemente através dos outros.

Esta “novidade” do coração é a verdadeira juventude do homem. Uma juventude que não depende da idade, mas que se experimenta antes mais e melhor quando se é mais velho do que quando se é jovem. A Igreja prepara-se para o Sínodo dos Bispos sobre o tema: “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”. Quanto é importante de fato que se ajude os jovens a descobrir que a verdadeira juventude é um “coração novo”, um coração dado por Deus. Há jovens que dão aos mais “velhos” este testemunho de modo excepcional e que permitem, assim, a todos acolher de Deus a conversão do coração e, portanto, uma nova juventude. Como existem também velhos que dão este testemunho de juventude de coração aos jovens. Mas para todos é importante compreender a juventude, a novidade, em sua raiz, lá onde Deus quer sempre renovar o coração das pessoas, em qualquer idade, em qualquer condição em que se encontrem.

Faz-se um grande esforço na Igreja para compreender as novas gerações tão diversas, ao menos em superfície, das precedentes. Mas não se deve perder o nível profundo do mistério do homem de todo tempo e cultura, de qualquer idade ou condição: só Deus é capaz de nos tornar novos no coração, só Deus nos dá um coração novo, e isto quer sempre fazer, sempre de novo, e isto é que revela sua santidade no mundo: “Então as nações saberão que eu sou o Senhor – oráculo do Senhor Deus –, quando mostrar minha santidade em vós diante de seus olhos.” (Ez 36,23b)